

FRAÇÃO DE SEGUUNDO

ENCRUZILHADA VOL. 2

KASIE WEST

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Kasie West
Publicado mediante acordo com HarperCollins Children's Books,
um selo da HarperCollins Publishers.

A Editora Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Split Second

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

West, Kasie

Fração de segundo / Kasie West ; tradução Flávia Souto
Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: Split Second.

ISBN 978-85-5534-002-4

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

16-02050

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

1

Addie: Me encontre em casa depois. Se eu já não estiver morta.

Meu carro estava do outro lado do estacionamento, e não consegui chegar até ele rápido o suficiente. O dia tinha sido horrível, assim como o resto da semana de volta às aulas, desde que Duke se revelou um grande cretino que estava me usando. Quase consegui lidar bem com as conversas interrompidas sempre que eu entrava em uma sala. Mas os olhares de pena faziam meu sangue ferver. Eu não precisava de pena. Se a sorte estivesse do meu lado, as férias de inverno que começariam assim que eu saísse do estacionamento fariam as pessoas se esquecerem de tudo aquilo. Caso contrário, talvez Laila pudesse deixar a escola toda com amnésia. Ah, a escola toda com amnésia... Meu primeiro pensamento feliz do dia!

Comecei a sair com o carro e me dei conta, tarde demais, de que não tinha olhado antes. Pneus cantaram no asfalto e instintivamente levantei os braços, me preparando para o impacto. Que não aconteceu. Não imediatamente, pelo menos. A moto derrapou em minha direção em câmera lenta. Tão lenta, que foi fácil sair da frente quando passou por mim. Connor, que dirigia a moto, deixou-a cair no asfalto enquanto tentava se desvencilhar dela. Estilhaços do vidro do retrovisor voaram sobre a minha cabeça. Estendi o braço e esbarrei em um deles com o dedo indicador. Ele despencou como um tijolo sobre o asfalto, onde ficou quicando — era a peça mais rápida à minha volta — até que parou.

Perto da moto, Connor tirou o capacete da cabeça devagar e deu uma volta em torno de si mesmo, procurando o chão. Seus movimentos ganharam velocidade gradualmente, até que ele não parecia mais estar embaixo d'água. Quando nossos olhares finalmente se encontraram, o alívio tomou conta de seu rosto.

— Addie, pensei que tivesse te acertado. Eu ia te acertar.

— Estou bem. — Pelo menos fisicamente. Não tinha ideia do que estava acontecendo com a minha mente. Minha habilidade sempre havia sido a mesma — eu podia ver os dois resultados de qualquer escolha que fizesse. Basicamente, podia ver o futuro. Dois futuros, na verdade. Nunca tinha havido uma variação nesse processo. Era previsível.

Até aquele momento.

Agora minha habilidade se comportava de maneira estranha. Algumas vezes, o tempo desacelerava à minha volta. A mesma coisa havia acontecido na casa do Bobby na semana anterior, e eu não tinha dado bola, considere um incidente isolado — um acaso feliz, ocasionado pelo estresse extremo da situação. Ele tinha dito alguma coisa sobre emoções extremas. E não era todo dia que alguém tentava te matar. Tudo tinha sido estranho aquele dia — o tempo desacelerando, a visão de Trevor no hospital que parecia uma Investigação. Mas agora não dava mais para considerar que havia sido um caso isolado. Hoje eu não tinha sido quase assassinada. Olhei a moto caída ao lado. Bem, talvez tivesse.

Senti uma dor na nuca que se espalhou pela cabeça. Tentei não me contorcer e pressionei a palma da mão junto às têmporas, procurando um alívio para a dor. Não adiantou.

— Tem certeza de que está bem? — Connor perguntou. — Parece que vai vomitar.

— Estou bem. Sinto muito por sua... — Estava prestes a dizer *moto* quando vi Duke correndo em nossa direção.

Dei meia-volta e andei para o carro o mais rápido que minha cabeça latejante permitia.

— O que aconteceu? — Ouvi Duke perguntar a Connor atrás de mim.

— Eu quase atropelai ela. Era para ter atropelado. Em um segundo ela estava lá, no outro já não estava mais.

Só mais trinta passos e eu estaria no carro. Ergui o polegar, pronta para destravar a porta, assim seria mais rápido quando eu chegasse lá. A dor de cabeça finalmente tinha melhorado, então aumentei minha velocidade. Mas logo ouvi a voz dele bem atrás de mim.

— Addie.

— Não. — Era uma resposta idiota, mas a única que consegui esboçar.

— Você se machucou?

As muitas respostas que eu poderia dar àquela pergunta inundaram meu cérebro: “Não tanto quanto você me machucou”, “Não tanto quanto vou te machucar se você chegar mais perto”, “Por que o interesse?”, “Você esperava ser o único provedor de experiências dolorosas na minha vida?”.

É claro que não disse nada disso. Deixei Duke acreditar que não tinha me magoado. Que eu nunca tinha gostado dele. Que, quando ele parou de manipular minhas emoções, tudo o que eu sentia por ele desaparecera. E era essa a história que eu pretendia manter, não importava o que acontecesse. Essa história me permitia um pingô de dignidade.

— Não. — Cheguei ao carro e pressionei o botão, destravando-o. Abri a porta e a posicionei como uma barreira entre nós quando me virei para ele. — Estou bem. — Abri um sorriso como prova de minha afirmação.

— As fofocas foram brutais hoje. Sinto muito. Logo as pessoas vão esquecer. — Seu sorriso onipresente fazia aquelas palavras soarem como a preparação para alguma piada. Infelizmente, eu devia ser a parte mais engraçada do que ele contaria para os amigos mais tarde: “E então ela se apaixonou por mim novamente. *Tã-nã-nam*”.

Ele passou a mão pelo cabelo desgrenhado, tirando-o da testa e evidenciando ainda mais seus olhos azuis.

— Você ainda não contou para ninguém, contou?

E lá estava: o motivo pelo qual ele ainda estava falando comigo.

Eu sabia de uma coisa que poderia arruiná-lo: ele era Controlador de Humor. Todo mundo ainda achava que Duke Rivers, astro do futebol americano, era Telecinético, exatamente o que ele queria que todos pensassem para poder continuar jogando. Mais especificamente, para jogar como quarterback, posição que o técnico preencheria apenas com Telecinéticos. Isso só aumentou os olhares de pena que eu tinha recebido durante a semana, porque as pessoas simplesmente deviam ter presumido que eu era a pobre garota sem forças suficientes para resistir ao charme de Duke. Se soubessem que eu não tive escolha...

— Fiz um acordo com você: faça seus amigos pararem de machucar os jogadores Normais que guardo seu segredo. O trato ainda é esse? Ele assentiu.

— Mas você acha que devo contar mesmo assim.

Sim!

— Isso não me interessa. — Entrei no carro e fechei a porta. *Não olhe para ele, Addie, apenas ligue o carro e saia.* Virei todo o corpo para olhar para trás e dar à ré. Se passasse por cima do pé dele, não era problema meu. Quando desvirei o volante, não conferi se ele ainda estava lá. Simplesmente saí dirigindo. Como Duke Rivers sabia que eu não ia revelar seu segredo, talvez me deixasse em paz.

Eu estava totalmente imóvel, deixando a música tomar conta do meu quarto para tentar abafar todos os meus pensamentos. Observava as palavras no teto, fingindo que a resposta a respeito do que eu deveria fazer da vida estava escrita ali, entre as citações pintadas no decorrer de anos. Depois de uma hora olhando fixamente para o teto, algumas palavras começaram a parecer mais destacadas que outras, então li as mais escuras: “vida”, “outro”, “de vez em quando”, “comer”.

Não ajudou em nada.

Minha porta abriu e Laila entrou.

— Isso é Journey? Você está sofrendo ao som de Journey? — As luzes se acenderam. Não tinha me dado conta de que elas tinham se apagado com a minha falta de movimento, mas meus olhos, que agora ardiam, provavam o contrário. — Há bandas desta era perfeitamente aceitáveis para seu sofrimento.

Esfreguei os olhos. Será que era tão óbvio que eu tinha passado a tarde chorando?

— Ninguém toca uma canção de amor como Journey. — Meu edredom ao meu redor parecia querer me engolir por inteiro. Não me esforcei para impedir.

Precisava fazer algumas coisas: lavar roupa, meditar por meia hora, arrumar a mala para ir para a casa do meu pai e ir ao cabeleireiro, porque minha mãe tinha marcado um horário para mim. Faltavam cinco minutos. E, da mesma forma como havia feito com outras tarefas, estava prestes a me abster dessa última também. Encontrei minha mecha azul de cabelo e fiquei enrolando-a no dedo. Já tinha desbotado bastante, mas eu ainda não estava pronta para desistir da cor.

Laila estava diante do monitor na parede do meu quarto, provavelmente procurando outra música adequada para o meu sofrimento. Esperei para ouvir o que ela ia escolher quando o quarto ficou totalmente em silêncio. Ela sentou à minha escrivaninha e vasculhou as gavetas.

A cada ruído, percebi que a escrivaninha estava ficando cada vez mais desorganizada.

— O que você quer?

— Papel.

— Primeira gaveta da direita.

Ela pegou uma folha em branco e, antes que tivesse tempo de perguntar, respondi:

— Canetas na gaveta do meio.

— Ótimo. Hora de fazer uma lista. — Ela recostou na cadeira, apoiou os saltos vermelhos sobre a mesa e apoiou o papel sobre os joelhos. — O título é *Vingança*. Subtítulo: *Como se vingar de Duke por*

usar não apenas sua habilidade, mas sua beleza excepcional, contra duas garotas totalmente inocentes que não suspeitavam de nada.

Antes que eu tivesse a chance de me opor àquele exercício inútil, ela disse:

— Número um: descobrir um jeito de fazer a escola inteira achar que ele ficou feio. Você sabe que isso acabaria com ele. Ah, aposto que podemos conseguir um Perceptivo para nos ajudar. Ele pode simplesmente alterar a percepção que todo mundo tem dele. Vai ser demais. Número dois. O.k., sua vez.

Eu sorri. Talvez fosse um bom ritual de cura, afinal. Imaginar Duke feio me deixou ligeiramente mais feliz.

— Podemos arrumar um Persuasivo para convencê-lo a fazer algo bem idiota na frente de todo mundo.

— Kalan com certeza faria isso. — Ela anotou e ficou mordendo a caneta. — O que mais? — Ela levantou, foi até a estante e começou a ler os títulos. — Você não tem nenhum livro sobre planejamento de vingança?

— Com certeza tem vingança na trama de alguns deles.

Ela se virou para mim, apoiada na estante.

— E se a gente entrasse escondido no quarto do Duke enquanto ele dorme e passasse batom nele?

— Como faríamos para entrar?

— Um Manipulador de Matéria pode atravessar a parede e destrancar a porta da frente para nós.

— Não acha que o sistema de segurança da casa dele prevê essa possibilidade?

— A gente dá um jeito.

— Por quê? Tenho certeza de que ele toma banho de manhã. De que adiantaria passar batom nele?

— Mostraria que estivemos lá, que estamos sempre de olho, capazes de entrar quando quisermos. Além disso, eu sempre quis passar batom nele. Ele tem lábios incríveis. — Assim que ela disse isso, percebeu que não devia ter falado e baixou os olhos.

Eu finalmente sentei e me encolhi junto à cabeceira.

— O que vocês dois fizeram, afinal? — perguntei calmamente, sem ter certeza se queria saber a resposta. — Se beijaram?

— Temos mesmo que falar sobre isso? Ele nos enganou, está bem?

— Ele me traiu e fez você me trair.

— Ele te fez fazer coisas também.

Comecei a concordar, mas parei para pensar no que ele tinha me feito fazer, além de gostar dele. Ele me deu os sentimentos, mas eu tinha quase certeza de que eu controlava as ações. *Pare*, disse a mim mesma. Já tinha perdido Duke, não ia deixar que ele levasse minha melhor amiga com a traição. Eu tinha que esquecer.

— Não vamos fazer essas coisas de verdade, né? — ela perguntou, mostrando a lista da vingança.

— Não, mas foi divertido imaginar. Obrigada.

Ela deu um longo suspiro e depois jogou o papel na lata de lixo reciclável. Olhou para sua bolsa sobre a escrivaninha e começou a brincar com o zíper.

— Se eu tivesse uma coisa importante para contar, uma coisa que pode te deixar nervosa, você gostaria de saber agora ou quando voltar da casa de seu pai?

Laila provavelmente queria entrar em detalhes a respeito do que aconteceu entre ela e Duke. Tirar o peso de sua consciência e depositá-lo na minha. Suspirei. A leve pressão atrás de meus olhos me lembrava de que as coisas não estavam muito bem. Minha vida estava uma confusão enorme.

— Preciso de um tempo agora. De tudo. Podemos conversar sobre isso quando eu voltar? — Ela soltou o zíper da bolsa, aparentemente aliviada, e se virou para mim.

— Sim. E o que você vai levar para a casa do seu pai? Seis semanas é muito tempo.

2

Laila: Você é irritante. Caso não saiba.

Addie separava as roupas por cor. De propósito. As camisetas, dobradas em quadrados perfeitos, estavam em pilhas sobre a cama. Uma em tons de vermelho, outra de verde e azul, e, finalmente, as de tons neutros. Ela pegou uma camiseta listrada rosa e marrom e ficou olhando de uma pilha para a outra, indecisa. Não me surpreenderia se ela implodisse com o dilema de ter que escolher uma pilha para uma camiseta que podia se enquadrar em duas. Tive o ímpeto de jogar todas aquelas camisetas para cima, fazendo seu mundo de organização chover sobre nós, caoticamente.

— O destino do universo depende da pilha à qual essa camiseta pertence, Addie. Não estrague tudo.

Ela revirou os olhos.

— Não tem nada de errado em ser organizada. Sei que é um conceito estranho para você, mas isso vai me poupar tempo depois.

— É assim que funciona sua habilidade? Você armazena pedaços de tempo e utiliza quando necessário?

— É. Talvez você devesse tentar.

— Não, obrigada. Meu negócio é Apagar o tempo. Confiscar minutos. Pena que eu não posso te dar esses minutos, assim você não sentiria a necessidade de fazer tudo isso. — Gesticulei para as pilhas de roupas.

Ela finalmente decidiu que a camiseta pertencia à pilha “tons de vermelho” e arrumou todas na mala aberta. A mala dela. Aquela simples

imagem fazia meu estômago doer. Seria a primeira vez que nos separávamos em um bom tempo, e eu estava tentando não sofrer com aquilo. A mala abalava meus esforços. Mas como arremessá-la pela janela parecia um pouco drástico, resisti.

— Ainda não acredito que você não vem comigo. Não é tarde demais para mudar de ideia — Addie comentou.

Meu celular vibrou.

Espero que esteja em casa. Faça os meninos lavarem a roupa hoje à noite. Vou trabalhar até mais tarde.

Eu ri.

— Você vai ficar fora por um mês e meio. É muito tempo. — Meus irmãos se matariam e ateariam fogo na casa em metade desse tempo. — Te vejo em algumas semanas, no jogo. — Peguei minha bolsa que estava sobre a escrivaninha e a joguei sobre o ombro.

A carta que eu carregava nas últimas sete semanas fez a bolsa parecer mais pesada. Eu queria jogá-la para Addie e sair correndo. O problema era que, ao mesmo tempo, não queria. Addie havia escrito aquela carta para si mesma depois da Investigação. Eu tinha visto seu olhar perturbado quando voltara daquela Investigação, antes que eu Apagasse suas lembranças. Ela parecia infeliz. Eu não fazia ideia do que o papel dizia, mas não queria trazer aquele olhar de volta, independentemente do quanto me sentisse culpada guardando aquilo. Talvez ela se sentisse melhor quando voltasse da casa do pai.

— Não vá embora amanhã sem se despedir.

— Nem sonharia em fazer isso.

Dei um abraço nela e saí.

Quando estava na minha picate, peguei o envelope, como havia feito muitas vezes nas últimas semanas. Os cantos do papel até já estavam rasgados. Na frente, com a letra de Addie, estava escrito: “Abrir no dia 14 de novembro”. Já era dia 21 de novembro e o envelope ainda

estava lacrado. A data específica me incomodava um pouco. Esperava que não houvesse nada lá dentro que precisasse ser revelado em um momento específico. Mas, considerando que a data era o dia seguinte às revelações na casa de Bobby, imaginei que ela estivesse esperando aquele evento passar para garantir que nada mudaria. A vida de nós duas tinha ficado por um fio naquele dia, e fazia sentido que ela não quisesse que nada piorasse a situação — incluindo a carta. Guardei-a de volta na bolsa e liguei o carro.

Cheguei à porta da frente de casa e meu irmão Eli jogou uma bolinha de papel na minha cabeça.

— Lista de compras. Não temos mais comida e estou faminto.

— Não jogue coisas em mim ou vou te bater. — Peguei o papel, abri e passei os olhos na lista. — Onde está o papai?

— Derrubado.

Olhei para o relógio. Nove da noite.

— Derek já está na cama?

— Já.

— Você o obrigou a tomar banho? Acho que já faz uns dias, ele estava cheirando mal.

— Sim. Ele tomou banho. De nada.

Sentei sobre ele e joguei sua franja sobre os olhos.

— Obrigada. Você é o melhor irmão do mundo. — Ele me empurrou, mas eu não saí do lugar.

— Sai de cima de mim!

Dei um tapa em sua cabeça e me levantei.

— Pense em alguma coisa. Estou praticando — meu irmão pediu. Faltavam três meses para que ele completasse catorze anos, e sua habilidade ainda não havia se manifestado. Agora, todo dia ele sentia a necessidade de olhar fixamente para mim, tentando ler minha mente.

— Não. — Fui até a cozinha, e ele levantou com um pulo e me seguiu.

— Por favor.

— Odeio quando as pessoas leem minha mente. — Abri a despensa, dei uma olhada e fechei a porta.

— Vamos! Pense em alguma coisa. Estou melhorando.

— Tudo bem. — Pensei na palavra *idiota* com muita vontade, olhando para ele.

Ele franziu o nariz, cerrando os olhos quase pretos. Estava tão parecido com meu pai naquele momento que a pontada que eu sentia no estômago sempre que meu pai estava perto se manifestou. Ele resmungou, frustrado, e sua expressão voltou ao normal, jovem e triste. Usei Transmissão de Pensamento e inseri a palavra na mente dele.

— Idiota! — ele gritou, empolgado.

— Sim, é isso que você é. Uau, está ficando bom! Agora, não leia mais minha mente. — Saí da cozinha sem comida. Ele estava certo, eu precisava fazer compras.

— Você não devia pensar essas coisas de quem é do seu sangue — ele gritou atrás de mim. Eu ri e fui até o quarto que meus irmãos dividiam. Derek estava dormindo com o cobertor enrolado nas pernas. Eu o estiquei sobre ele.

Peguei o cesto de roupas sujas e as vestimentas espalhadas pelo chão e levei até a máquina de lavar.

Minha mãe mantinha um cartão escondido dentro de uma caixa vazia de sabão em pó. Meu pai nunca lavava roupa, então o esconderijo era totalmente seguro. Quando eu precisava fazer compras com urgência, como naquele caso, era aquele cartão que eu deveria usar. Me debrucei sobre a máquina de lavar para alcançar a prateleira mais alta e peguei a caixa. Tirei o cartão de lá e guardei no bolso. Ao pular para descer, bati meu tórax com força e senti meu estômago revirar.

— O que você está fazendo? — A voz rouca dele incomodava todos os meus nervos.

— Ah, você sabe, resolvendo mistérios da vida, descobrindo novas teorias matemáticas e tudo mais que alguém pode fazer na lavanderia. — Abri a tampa da máquina de lavar e joguei as roupas lá dentro,

desejando que meu pai fosse embora. Mas ele não foi. Ficou ali parado, analisando minha expressão.

Meu pai é um fracassado, pensei sem parar. *Não pense em mais nada*, disse a mim mesma. *Fracassado, fracassado, fracassado*.

Às vezes eu ficava feliz pelas drogas de supressão que ele usava todos os dias, porque elas enfraqueciam sua habilidade. Mas, se não fosse por elas, ele não seria o responsável pela ruína financeira de nossa família. Eu não me importava se ele ouvisse esse pensamento.

Ele resmungou e eu sorri, apertando o botão para ligar a máquina de lavar.

— Algum problema? — perguntei enquanto a água subia dentro da máquina. Esperava que ele não percebesse o cartão em meu bolso.

Ele olhou diretamente para a minha calça jeans. Xinguei baixinho.

— Pode me entregar.

— É para comprar comida. Não seja idiota.

Ele agarrou meu punho.

— Entregue o cartão, Laila.

— Me solte. — Contraí os músculos, pronta para dar uma joelhada, mas parei quando ele encarou meus olhos. O olhar dele parecia tão vazio e tão desesperado ao mesmo tempo...

— Sua mãe vai trazer comida hoje à noite. — Ele enfiou a mão no meu bolso e pegou o cartão.

— Você é ridículo.

Ele apertou meu punho e eu puxei o braço, usando o ombro para empurrá-lo e passar por ele. Gostaria de conseguir amar meu pai, mas a pena e o ódio ocupavam muito espaço dentro de mim. Fiquei muito irritada por ter deixado a pena vencer naquela noite.